

A ATIVIDADE PESQUEIRA NA REGIÃO ATLÂNTICA DA COSTA DO AMAPÁ: Município de Amapá, Pracuúba, Tartarugalzinho e baixo Araguari

Luis Mauricio Abdon da Silva
Sirley Luzia de Figueiredo Silva

Resumo

Apesar do reconhecimento e da importância da atividade pesqueira para o desenvolvimento sócio-econômico do Estado, observa-se na maioria dos casos um grande descaso por parte dos órgãos responsáveis pelo setor. Entrevistas foram realizadas nos municípios de Amapá, Pracuúba, Tartarugalzinho e parte baixa do rio Araguari com o objetivo de dar uma caracterização à atividade pesqueira nesta região. As localidades que se destacaram foram aquelas localizadas nos municípios de Amapá e Tartarugalzinho, onde os números de pescadores cadastrados também foram maiores. Vários foram os problemas citados pelos pescadores, os principais são: pessoas cadastradas que não fazem parte da atividade, conflitos com pescadores industriais de outras regiões e dependência de atravessadores. Problemas esses relacionados com a desorganização das colônias de pescadores. As principais espécies de peixes dependem de cada região de pesca e das artes de pesca utilizadas. A conservação de pescado é quase toda na forma de salga e gelo. As principais artes de pesca utilizadas foram a rede e o espinhel.

Apesar de a região de estudo ter outras atividades econômicas, como a pecuária, é na pesca que incide a maior importância econômica, pois se acredita que mais de 9.000 pessoas dependam direta ou indiretamente desta atividade.

Palavras-chave: Pesca. Colônia de pesca. Artes de pesca. Amazônia. Amapá.

Introdução

A pesca no Estado do Amapá caracteriza-se pela influência da sazonalidade do ciclo das chuvas, tendo como alvo, espécies de origem marinha (pescada amarela, gurijuba, etc.), durante a estação seca e espécies estuarinas da bacia amazônica (dourada, filhote, etc), durante a estação chuvosa.

O Estado do Amapá possui 10 municípios costeiros, distribuído em 16 colônias de pescadores e 2 cooperativas de pesca. A pesca artesanal no Amapá corresponde atualmente mais de 90% de toda a captura efetuada nas áreas costeiras do Estado e é realizada, principalmente de forma artesanal, sendo que geralmente a mão de obra utilizada é a familiar e a produção na maioria das vezes é de subsistência, tipo de pesca mais freqüente durante o verão e, em alguns casos, durante o ano todo (SILVA et al., 2004).

Apesar do reconhecimento e da importância da atividade pesqueira para o desenvolvimento sócio-econômico do Estado, observa-se na maioria dos casos um grande descaso por parte dos órgãos responsáveis pelo setor – falta de embarcações, de tecnologia de pesca, de financiamento, bem como de um adequado entreposto de pesca - em relação à aplicação de políticas sérias de desenvolvimento deste potencial (ISAAC et al., 1998). O controle da produção e estocagem, dados indispensáveis à definição das políticas públicas também é deficiente. Fato observado durante as coletas de dados, em que embarcações de outros estados entram na costa do Amapá praticando a atividade pesqueira, muitas das vezes de maneira irresponsável, enquanto que o Amapá desperdiça essa potencialidade, deixando de gerar emprego e lucro para Estado.

Objetivo

Este trabalho tem como objetivo caracterizar sócio-economicamente a atividade pesqueira dos municípios de Amapá, Pracuúba e Tartarugalzinho.

Material e Métodos

Área de estudo

A área de estudo compreendeu o município de Amapá, Tartarugalzinho, Pracuúba e parte do rio Araguari (Figura 1).

No município de Amapá, foram selecionadas para a coleta de dados a sede do município, a comunidade de Araquiçaua, a comunidade Paratu e a vila de Sucuriju. Em Tartarugalzinho, o trabalho foi feito na sede do município e no Lago Novo. No município de Pracuúba, as entrevistas ocorreram na comunidade de Porto Franco. Na região do rio Araguari as entrevistas ocorreram em várias fazendas e comunidades como mostra a tabela 1.

Tabela 1. Locais das entrevistas com suas respectivas coordenadas

Municípios	Locais	Código	Latitude	Longitude
Tartarugalzinho	Sede	1	01° 30' 19"	-50° 54' 41"
	Comunidade Lago novo	2	01° 26' 27"	-50° 35' 22"
Amapá	Sede	3	02° 03' 23"	-50° 47' 30"
	Vila do Sucuriju	4	01° 40' 43"	-49° 55' 56"
	Comunidade Araquiçaua	5		
	Comunidade Paratu	6		
Pracuúba	Comunidade Porto Franco	7	01° 43' 57"	-50° 48' 00"
Rio Araguari	Fazenda São Raimundo	8	01° 05' 50"	-50° 28' 24"
	Comunidade Santa Rosa	9	01° 07' 16"	-50° 28' 20"
	Comunidade do Tabaco	10	01° 19' 24"	-50° 16' 50"
	Fazenda São Vicente	11	01° 17' 56"	-50° 06' 59"
	Fazenda Natal	12	01° 14' 46"	-49° 59' 23"



Figura 1. Mapa da região de estudo.

Coleta e análise de dados

O trabalho consistiu de entrevistas formais e informais com pescadores e com a comunidade, bem como acompanhamento da atividade pesqueira ao longo do rio Araguari e em quatro colônias de pescadores (Amapá, Sucuriju, Pracuúba e Tartarugalzinho).

Para este estudo também foram coletadas informações de pesca do cadastro de pescadores nas colônias de pesca citadas.

A análise de dados foi feita por colônia de pesca, de acordo com as respostas dos pescadores ao questionário utilizando estatística descritiva.

Resultados e Discussão

Embora a pesca no Amapá seja uma atividade rentável, não se tem registro de participação de pescadores nas decisões de políticas públicas voltadas para o setor. Fato observado durante as visitas nas colônias de pescadores de Amapá, Sucuriju, Pracuúba e Tartarugalzinho, em que os pescadores não concordam com a legislação vigente em alguns pontos por falta de participação dos próprios pescadores que alegam não serem convidados.

Fato observado por Cardoso (2001) e Leitão (1995), em que a noção de desenvolvimento para o setor pesqueiro, incluindo a Amazônia, foi prioritariamente no sentido de implantação da indústria de pesca, considerada esta a solução para exploração racional dos recursos e para o crescimento do setor. Dentro desta perspectiva, não se vislumbra a existência de um contingente de pescadores artesanais, que são responsáveis pela produção do pescado consumido no mercado interno.

A sobrepesca de algumas espécies, a pesca predatória de outras tantas e a destruição de ecossistemas de alta produtividade são algumas das conseqüências que acompanharam o desenrolar do projeto de modernização do setor pesqueiro, contribuindo para a redução do pescado situado junto à costa. Ainda junto à costa, nas áreas de atuação da pesca artesanal, verificou-se um aumento da disputa pelo pescado. Parte da frota industrial atuando com técnicas predatórias para as baixas profundidades próximas à costa acarretaram a diminuição da oferta de pescado para os pescadores artesanais, cujos meios de produção não lhes possibilitam um deslocamento mais amplo, acirrando disputa pela apropriação desses espaços e do pescado neles contido (LOUREIRO, 1985; CARDOSO, 2001).

Na Amazônia, o número de pescadores é extremamente relevante. Segundo Furtado (2001) existem no Pará aproximadamente 78.850 pescadores artesanais, no Acre registram-se 1.020; no Amazonas 18.234; em Rondônia 750 e no Amapá, 5.500. Números estes subestimados, para a Amazônia como um todo se acredita que existam mais de 300.000 pescadores atuantes, fornecendo 90% do pescado para abastecimento interno (ISAAC et al. apud FURTADO, 2001).

No Amapá dos aproximadamente 7.000 pescadores existentes, quase 22% atuam na área de estudo (Figura 2).

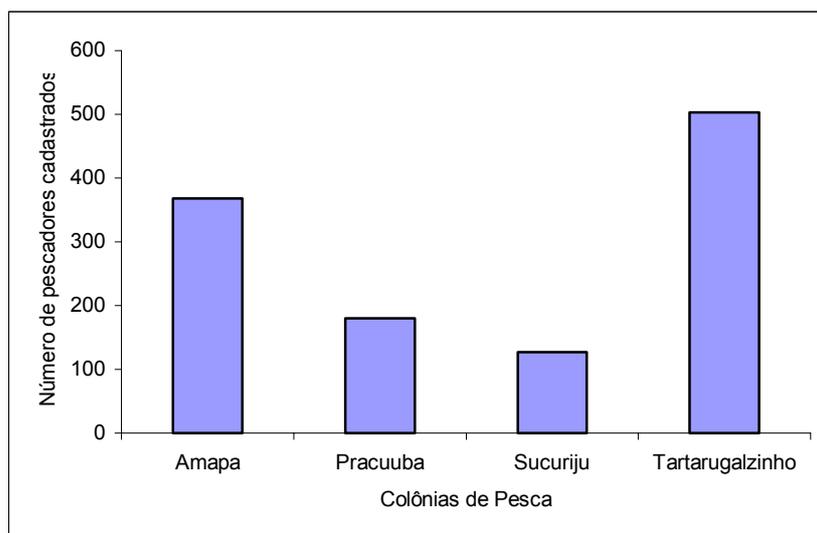


Figura 2. Número de pescadores cadastrados nas colônias de pesca relacionados com a área de estudo.

Grande parte dos pescadores tem naturalidade Amapaense (93%), seguidos por Paraenses e Maranhenses e uma minoria veio do Ceará, Piauí e Rio Grande do Sul (Figura 3). Retratando uma preocupação, pois se sabe que a pesca nas outras regiões da costa brasileira está cada vez mais difícil, ocorrendo assim migração de pescadores para o Amapá.

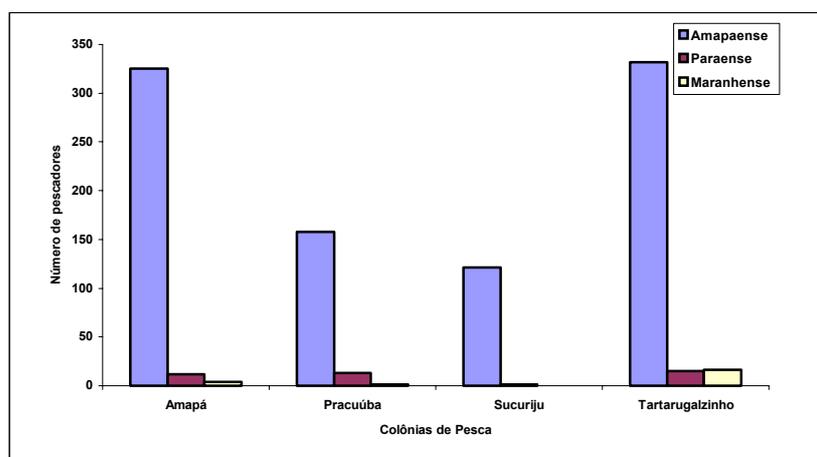


Figura 3. Naturalidade dos pescadores por colônia de pesca.

Os aparelhos e métodos de pesca dependem das espécies pescadas. As técnicas variam de mais simples, como coleta manual, até as mais complexas e expansivas operações como a pesca de atuns. As principais artes de pesca utilizadas por pescadores da região são o espinhel e a malhadeira ou rede de espera (BARTHEM ; GOULDING, 1997).

Nery (1995) fez uma descrição detalhada das artes de pesca numa região de salgado paraense. Alguns apetrechos de pesca e técnicas descritas, como as armadilhas e malhadeiras são consideradas como passivas. Os apetrechos considerados ativos, como as redes de arrasto, são designados a arrastar ou rebocar os peixes. A distinção entre as duas modalidades é importante por uma consideração de custos pesqueiros e aceitabilidade ecológica. Os métodos passivos são relativamente barato e fácil para operarem e tem menor potencial de impactos sobre o fundo dos ecossistemas aquáticos. Entretanto, os métodos ativos são mais eficientes na captura do pescado.

A eficiência dos aparelhos de pesca dependem sobremaneira do comportamento das espécies alvo bem como do mercado consumidor. Peixes capturados por linha de mão, por exemplo, apresentam melhores condições e melhor qualidade do que aqueles capturados por redes de arrasto ou malhadeiras.

Os Anzóis são usados em uma gama extensiva de configurações, a mais simples é a linha de mão com um ou mais anzóis iscados.

O espinhel consiste de uma linha principal com anzóis fixados em linhas secundárias. O espinhel pode ser colocado próximo da superfície, capturando espécies pelágicas como as pescadas ou próximas do fundo, capturando peixes demersais como os grandes bagres (Figura 4).

As malhadeiras ou rede de espera são redes em forma de tela dispostas verticalmente na coluna d'água por uma série de flutuadores (isopor) atracados na parte superior da rede (Figura 5). Essas redes podem ser ancoradas nos dois lados ou em apenas um dos lados da rede.

O tamanho das malhas variam de acordo com a espécie que se pretende capturar. A malha para capturar gurijuba vai de 30 a 40 mm entre nós opostos.

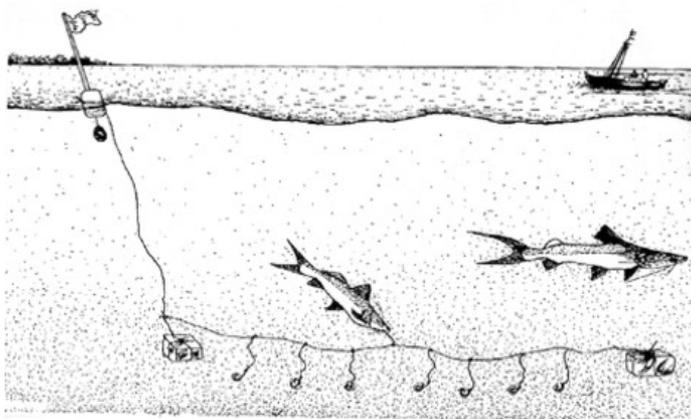


Figura 4. Espinhel utilizado no estuário.
Fonte: Barthem e Goulding (1997).

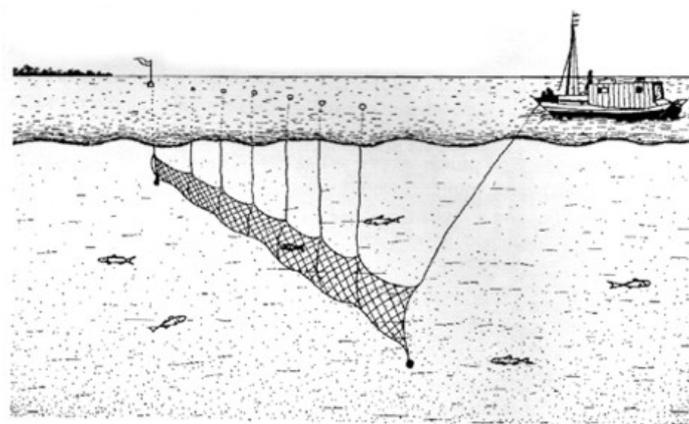


Figura 05. Rede de emalhar utilizada no estuário.
Fonte: Barthem e Goulding (1997).

A estatística pesqueira tem como objetivo monitorar o desembarque pesqueiro nos principais locais de desembarque ao longo do Estado, de maneira a subsidiar as medidas de ordenamento pesqueiro na região (FONTELES-FILHO, 1989; KING, 1996).

Segundo o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, a estimativa da produção para a Região Norte em 2000, foi de aproximadamente 226 mil toneladas, oriundos da pesca marinha, continental e da Aqüicultura. O Estado do Amapá, nesta estatística ficou em terceiro lugar com uma produção estimada em 9.972 toneladas (Tabela 2).

Tabela 2. Produção estimada por modalidade, segundo as unidades da federação da região Norte.

Unidades da Federação	Total (t)	Pesca extrativa		Aqüicultura	
		Marinha	Continental	Mar	Água doce
NORTE	225.911,0	105.146,5	112.428,5	140,0	8.196,0
Acre	2.790,0	0,0	1.699,0	0,0	1.091,0
Amapá	9.972,0	3.628,0	6.146,0	0,0	198,0
Amazonas	56.563,0	0,0	55.726,0	0,0	837,0
Pará	145.610,0	101.518,5	42.900,5	140,0	1.051,0
Rondônia	7.772,0	0,0	4.285,0	0,0	3.487,0
Roraima	631,0	0,0	201,0	0,0	430,0
Tocantins	2.573,0	0,0	1.471,0	0,0	1.102,0

O Estado do Amapá, como visto possui um grande potencial pesqueiro, haja vista, que grande parte do pescado desembarcado no Estado do Pará, provém do Estado do Amapá, logo se todo o pescado desembarcasse no Amapá, sem dúvida, o Estado seria o primeiro em produção. A causa disso é a ausência de entrepostos de pesca, bem como de políticas públicas, deixando o Estado do Amapá em terceiro lugar em produção da região Norte.

Sabe-se que hoje, para se fazer uma gestão dos recursos pesqueiros adequados, no mínimo é necessário possuir dados de desembarque por espécie de peixe por um longo período e regulares. Então é necessário se fazer um trabalho junto a colônia no intuito de conscientizar os pescadores a respeito da quantidade desembarcada, bem como fazer uma avaliação da quantidade exata dos pescadores existentes, neste caso a colônia na hora do cadastramento, no mínimo sabe quem é quem na comunidade.

A Agência de Pesca do Amapá - PESCAP, já possui um programa de estatística pesqueira em algumas das colônias do Estado do Amapá, mas os dados são coletados em intervalos não regulares, pois, em algumas ocasiões o pagamento atrasa e aí não há registros de dados.

Todas as embarcações pesqueiras da região de estudo são de madeira. Nas colônias de Amapá e Sucuriju, a capacidade das embarcações pode variar de 500 kg a 10 toneladas. Já nas colônias de Tartarugalzinho e Pracuúba a capacidade varia de 30 kg a 1 tonelada.

A conservação do pescado varia de acordo com a distância do pesqueiro (local onde se realiza a pesca) e as condições econômicas da colônia. Quando a pesca dura dias, o principal meio de conservação é o gelo e a salga, quando a pesca dura apenas horas, a conservação é feita através do gelo ou o pescado é todo fresco (Figura 6). A colônia de Amapá, Pracuúba e Tartarugalzinho, possuem condições de obter gelo, por isso, podem passar mais de um dia pescando ou voltam para vender seu produto no mesmo dia. A colônia de Sucuriju apesar de não ter como adquirir gelo passam dias pescando na costa do Estado ou na região de lagos, e toda a produção é salgada logo após a captura.

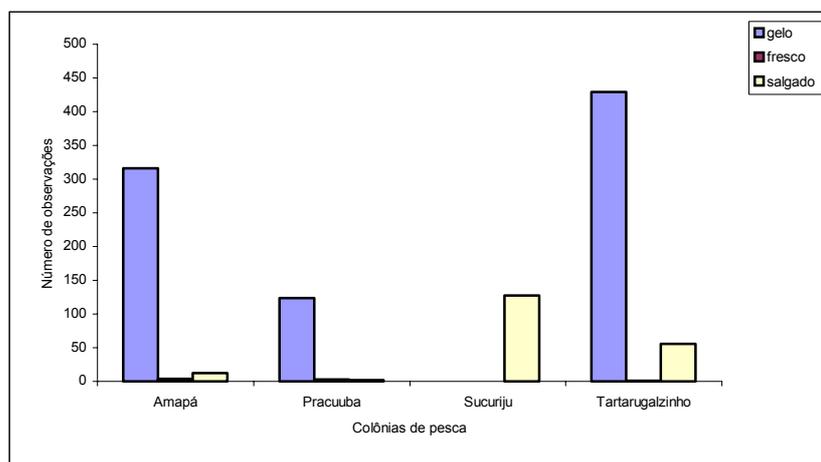


Figura 6. Conservação do pescado por colônia de pesca.

Os tipos de peixes capturados dependem do local de pesca, desta forma as principais espécies de peixes capturadas e relatadas como ocorrentes na área de estudo, foram divididos de acordo com a colônia entrevistada (Figura 7).

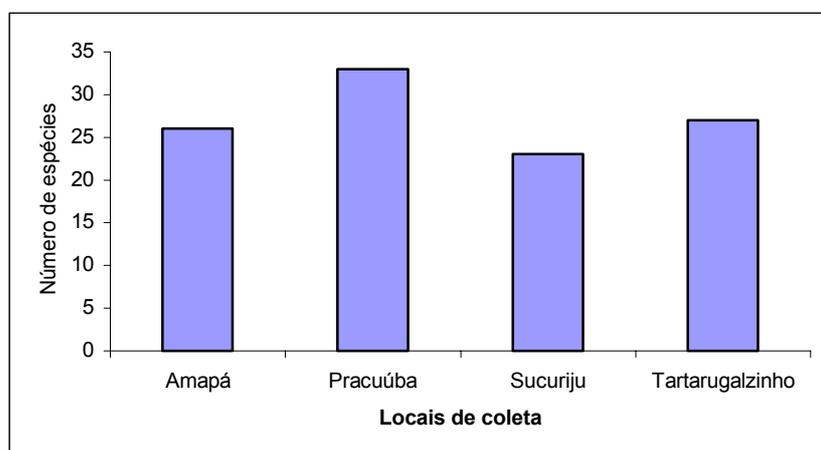


Figura 7. Número de espécies de peixes capturada/relatadas por local de pesca.

Na colônia de Amapá um total de 26 espécies foram capturadas/relatadas por pescadores (Anexo A), as mais representativas foram a gurijuba (*Arius parkeri*), bagre (*Arius* sp), uritinga (*Arius proops*), tamoatá (*Hoplosternum* sp), piramutaba (*Brachyplatystoma vaillantii*), apaiari (*Astronotus* sp), pescada amarela (*Cynoscion acoupa*), cação (*Carcharhinus* sp) e camurim (*Centropomus* sp)

A maior parte da produção é vendida dentro da cidade para os atravessadores, que comercializam em vários pontos da cidade (Figura 8).



Figura 8. Feira de peixe no município de Amapá.

Em Tartarugalzinho 27 tipos de peixes foram capturados/relatados (Anexo A). Geleiros chegam a toda hora para pegar peixe, os principais tipos de peixes desembarcados foram: sarda, pirarucu (*Arapaima gigas*), tamoatá (*Hoplosternum* sp), mandubé (*Ageneiosus* sp), tucunaré (*Cichla* sp), aruanã (*Osteoglossum bicirrhosum*), acará, acari, piranha, pacu, aracu, apaiari (*Astronotus ocellatus*), traíra (*Hoplias* sp), pacuí, branquinha, pescada branca (*Plagioscion* sp). Os peixes são vendidos separadamente por grupos de espécies e possuem preços variados de acordo com cada grupo e tamanho.

O grupo do tucunaré é vendido por em média 3,50 o kg e compreende as seguintes espécies: tucunaré, pirarucu, aruanã, filhote, dourada, pescada branca, traíra, sarda. As espécies filhote e dourada apesar de não terem sido observadas durante o trabalho, foram indicadas pelos pescadores como ocorrentes esporádicas (Figura 9).

O grupo do acará é vendido por em média R\$ 2,00 o kg e compreende as espécies: acará, apaiari, aracu, pacu, matrinchã, mandubé, tamoatá e traíra.



Figura 9. Espécies comercializadas (grupo do tucunaré) no município de Tartarugalzinho.

O grupo da piranha é vendido por em média R\$ 1,50 o kg e compreende as espécies: piranha, acari, branquinha, traíra, pacuí e acará (Figura 10).

Na verdade algumas espécies podem estar em mais de um grupo dependendo do tamanho das mesmas. Um problema freqüente observado é que não se tem controle do desembarque. A colônia possui apenas uma balança e a maioria dos pescadores não possui balança própria, então chegam a pesar toda a produção vendida na própria colônia, sendo que essas informações não são registradas pela colônia.



Figura 10. Espécies comercializadas (grupo da piranha) no município de Tartarugalzinho.

Foram realizadas também visita e entrevista na comunidade do Lago Novo pertencente ao município de Tartarugalzinho. Esta comunidade possui aproximadamente 70 casas e a maioria das pessoas vivem da pesca, mas boa parte dos pescadores não é cadastrada em colônia, dificultando ainda mais as estatísticas de pesca.

A estrada de acesso é praticamente intrafegável, dificultando a comercialização do pescado e deixando a comunidade praticamente isolada. Quase todo o pescado é vendido para um só geleiro que é dono de um comércio na vila e é ele que se encarrega de entregar o gelo para os pescadores e depois comercializar o pescado. As espécies são vendidas da mesma forma como mencionado acima.

A colônia de Pracuúba possui os mesmos problemas da colônia de Tartarugalzinho, os peixes são vendidos por grupos de espécies e distribuídos de acordo como em Tartarugalzinho. Foram observados 33 tipos de peixes (Anexo 1). A toda hora chega caminhões e carros pequenos cheios de gelo para comprar o pescado, toda a produção já está vendido antes mesmo de o pescador chegar na vila (Figura 11).



Figura 11. Geleiros na espera por pescadores.

Os atravessadores ou geleiros fornecem gelo e mantimentos para os pescadores passarem um tempo pescando e em troca adquirem toda a produção.

Nesta colônia também é necessário fazer um trabalho de conscientização dos pescadores com relação ao desembarque. É necessário também fazer uma avaliação dos pescadores quanto ao recebimento do seguro, cadastrando somente pescadores, aquelas pessoas que dependem diretamente da pesca e não pessoas que pescam esporadicamente. Problemas semelhantes podemos encontrar também no Pará como mencionados por Furtado (1987, 1990, 1997); Maneschy (1990).

Sucuriju localiza-se no município de Amapá, 23 tipos de peixes foram registrados para este local (Anexo A). Apesar do registro de 19 tipos de peixes, somente duas espécies são citadas pelos pescadores como as mais importantes, a guriuba (*Arius parkerii*) e o pirarucu (*Arapaima gigas*). A colônia é formada por aproximadamente 280 pescadores que atuam tanto na costa, quanto na região de lagos da reserva Biológica do Piratuba. Os pescadores cadastrados na colônia são de três comunidades (Araquiçaua, Paratur e da própria vila do Sucuriju).

A maior atividade pesqueira se dá no final do ano, durante os meses de verão (Setembro a Dezembro). Característica essa determinada pela sazonalidade da espécie alvo *Arius parkerii* (guriuba). A outra época, mas com menor intensidade se dá durante os meses de abril a junho com a captura da espécie *Arapaima gigas* (pirarucu) na região de lagos.

As principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores na costa e região de lagos estão representadas nas Figuras 12 e 13.

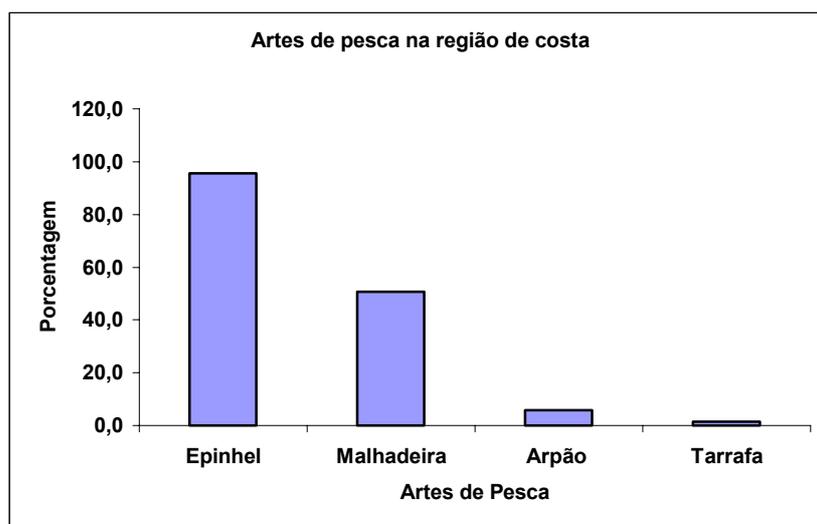


Figura 12. Artes de pesca utilizadas na região de costa pelos pescadores da colônia de Sucuriju.

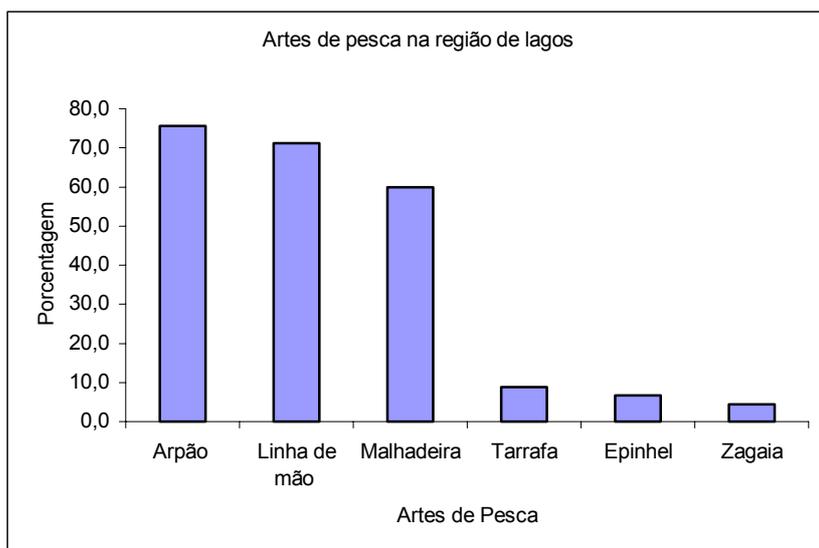


Figura 13. Artes de pesca utilizadas na região de lagos pelos pescadores da colônia de Sucuriju.

Observa-se um maior número de artes de pesca na região de lagos, devido a uma maior quantidade de espécies como o pirarucu, aruanã, piranha, tucunaré, etc. São as espécies de peixes que estabelecem o padrão de pesca dos pescadores, pois alguns pescadores são especialistas em capturar gurijuba, enquanto outros são especialistas em capturar pirarucu, é por isso, que durante o desembarque e nas entrevistas, observamos uma predominância das duas espécies. Enquanto as outras espécies são consideradas como fauna acompanhante.

A conservação do pescado é na sua maioria feita através de salga, haja vista, não ter energia elétrica 24 horas. O pescado é salgado ainda durante a pesca e seco ao sol quando retornam para a vila (Figura 14).



Figura 14. Pescado colocado na ponte para secagem.

Depois de seco o pescado é organizado em pilhas para a comercialização (Figura 15). A quase totalidade do pescado salgado é comercializada em Belém.



Figura 15. Empilhamento do pescado salgado.

A Vila do Sucuriçu, devido ao seu difícil acesso, vive num sistema exclusivo de uso dos recursos naturais, sendo à base da economia familiar.

Ao longo do rio Araguari a atividade que mais prevalece é sem dúvida nenhuma a criação de Búfalos. Estima-se que existem mais de 10.000 cabeças distribuídas ao longo das fazendas, localizadas próximo do rio.

Baseado nisto, a pesca nesta região é quase que exclusivamente de subsistência, ou seja, pescam apenas para o consumo.

Os pescadores saem durante a noite de um dia e voltam para retirar a rede no dia seguinte pela manhã bem cedo, chegam a pegar mais de 20 kg de peixes. As redes variam de 15 m a 60 m com malhas de 30 mm a 80 mm (Figura 16).



Figura 16. da comunidade colocando a rede no final da tarde e retirando durante ao amanhecer.

As principais espécies de peixe capturadas foram: mandubé (*Ageneiosus* sp), sarda, pescada branca (*Plagioscion* sp), ueua (*Acestrorhynchus* sp), filhote (*Brachyplatystoma filamentosum*). Não observadas, mas citadas nas entrevistas, outras espécies são capturadas como o acarã, acari (*Hypostomus* sp), apaiari (*Astronotus* sp), aracu, branquinha, dourada (*Brachyplatystoma flavicans*), piranha (*Serrassalmus* sp), pirarucu (*Arapaima gigas*), tamoatã (*Hoplosternum* sp) e a traíra (*Hoplias* sp).

Apesar de a região de estudo ter outras atividades econômicas, como a pecuária, é na pesca que incide a maior importância econômica, pois se acredita que mais de 9.000 pessoas dependam direta ou indiretamente desta atividade. Os locais que mais se destacaram na atividade pesqueira foram aquelas do município de Amapá, seguido pelo município de Tartarugalzinho.

De acordo com os pescadores mais idosos, houve uma quebra de reciprocidade social por parte dos pescadores, como a doação de peixes a título de ajuda a vizinhos ou parentes. Alegam também que em épocas passadas as águas eram mais piscosas, sendo comum esta prática. Já há algum tempo, com os conflitos entre pescadores e a desorganização das colônias de pesca, pescadores artesanais passam também a desenvolver formas de pesca consideradas predatórias, como observadas durante visita de campo, em que os pescadores não respeitam a época de defeso de algumas espécies consideradas como alvos. Mello (1995) e Moreira (1995), relataram sobre a mesma problemática da desorganização dos pescadores.

Além do aproveitamento hidráulico para produção de energia elétrica, a região passou por um uso intensivo pela pecuária nas proximidades do rio Araguari.

Estas atividades em conjunto, resultaram na diminuição das áreas naturais na bacia, e têm contribuído para a redução nos desembarques pesqueiros e queda na captura de grandes peixes migradores.

Referências

- BARTHEM, R; GOULDING, M. **Os bagres balizadores**: ecologia, migração e conservação de peixes amazônicos. Brasília: Sociedade Civil Mamirauá; CNPq, 1997.
- CARDOSO, E. S. Geografia e pesca: aportes para um modelo de gestão. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 14, p. 79 – 88. 2001.
- FONTELES-FILHO, A. A. **Recursos Pesqueiros**: biologia e dinâmica populacional. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1989. 296 p.
- FURTADO, L. G. Ocupação humana do litoral Amazônico. In: **ECOSSISTEMAS Costeiros: Impactos e Gestão Ambiental**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001.
- FURTADO, L. G. Características gerais e problemas da pesca amazônica no Pará. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, Belém, v. 6, n. 1, p. 41-93. 1990. (Série Antropologia).
- FURTADO, L. G. (Org.). **Amazônia**: desenvolvimento, sócio-diversidade e qualidade de vida. Belém: UFPA/ NUMA, 1997. 166 p.
- FURTADO, L. G. **Curralistas e redeiros de Marudá**: Pescadores do litoral do Pará. Belém: CNPq/MPEG, 1987. 366p.
- IBAMA. Estatística da pesca. Grandes regiões e unidades da federação. 2000. Disponível em: www.ibama.gov.br.
- ISAAC, V. J.; ARAÚJO, A. R.; SANTANA, J. V. **A pesca no Estado do Amapá**: Alternativas para seu desenvolvimento sustentável. Macapá: SEMA/GEA-BID, 1998. 132 p.
- ISAAC, V.; BARTHEM, R. Os recursos pesqueiros da Amazônia Brasileira. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, Belém, v. 11, n. 2, p. 295-339. 1995. (Série Antropologia).
- KING, M. **Fisheries biology assessment and management**. England: Fishing News Books, Osney Mead, Oxford OX2EL, 1996. 342 p.
- LEITÃO, W. M. Pescas e políticas públicas. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, Belém, v. 11, n. 2, p. 185-198. 1995. (Série Antropologia).
- LOUREIRO, V. R. **Os parceiros do mar**. Belém: CNPQ/Museu Paraense Emílio Goeldi, 1985.

- MANESCHY, M. C. Notícia sobre conflitos na apropriação do mar paraense. **Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi**, Belém, v.6, n. 1. p. 19-27. 1990. (Série Antropologia).
- MELLO, A . F. Movimentos sociais na pesca: breve balanço bibliográfico; novos desafios teóricos. **Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi**, Belém, v. 11, n. 1, p. 19-39. 1995. (Série Antropologia).
- MOREIRA, E. S. ; ROCHA, R. M. Pesca estuarina: uma contribuição ao estudo da organização social da pesca no Pará. **Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi**, Belém, v. 11, n. 1, p. 57-86. 1995. (Série Antropologia).
- NERY, A. C. Traços da tecnologia pesqueira de uma área de pesca tradicional na Amazônia - Zona do Salgado do Pará. **Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi**, Belém, v. 11, n. 2, p. 199-293. 1995. (Série Antropologia).
- SILVA, L. M. A.; LOPES, E.; AGUIAR, J. S; SANTOS, V. F. Situação da pesca no setor estuarino. In: DIAGNÓSTICO Sócio-Ambiental Participativo do Setor Costeiro Estuarino do Estado do Amapá. Macapá: IEPA, 2004. p. 104 – 114.

ANEXO A

Lista das espécies capturadas/relatadas por pescadores na área de estudo de interesse comercial

ESPÉCIE	FAMÍLIA	NOME VULGAR	LOCALIDADE
		Arraia	1,2,7
	Cichlidae	Acará	1,2,3,7,8,9,10,11,12
	Cichlidae	Acará-açu	1,2,7,8,9,10,11,12
<i>Hypostomus</i> sp	Loricariidae	Acari	1,2,3,4,8,9,10,11,12
<i>Astronotus ocellatus</i>	Cichlidae	Apaiari	1,3,4,7,8,9,10,11,12
<i>Schizodon fasciatus</i>	Anostomidae	Aracu	1,7,8,9,10,11,12
<i>Leporinus</i> sp	Anostomidae	Aracu amarelo	8,9,10,11,12
<i>Leporinus</i> sp	Anostomidae	Aracu cabeça gorda	8,9,10,11,12
<i>Osteoglossum bicirrhosum</i>	Osteoglossidae	Aruanã	1,3,4,7
<i>Arius</i> sp	Ariidae	Bagre	1,3,4,7
<i>Bagre bagre</i>	Ariidae	Bandeirado	1,2,3,4,7
	Curimatidae	Branquinha	1,2,4,7,8,9,10,11,12
<i>Carcharhinus</i> sp	Carcharhinidae	Cação	3,4
<i>Centropomus</i> sp	Centropomidae	Camurim	1,2,3,4,7
<i>Cynoscion virescen</i>	Cichlidae	Corvina	3,7
<i>Brachyplatystoma flavicans</i>	Pimelodidae	Dourada	3,4,7,8,9,10,11,12
<i>Brachyplatystoma filamentosum</i>	Pimelodidae	Filhote	3,8,9,10,11,12
<i>Arius parkerii</i>	Ariidae	Gurijuba	3,4
	Heptapteridae	Jandiá	1,4,7
	Erythrinidae	Jeju	1,7
<i>Pimelodus</i> sp	Pimelodidae	Mandii	1,3,7
<i>Ageneiosus</i> sp	Auchenipteridae	Mandube	7,8,9,10,11,12
<i>Cynoscion acoupa</i>	Cichlidae	P. Amarela	1,3,4,7
<i>Plagioscion</i> sp	Cichlidae	P. Branca	1,2,3,4,7,8,9,10,11,12
	Characidae	Pacu	1,2,4,7
<i>Brachyplatystoma vaillantii</i>	Pimelodidae	Piramutaba	1,3,4,7
<i>Serrasalmus</i> sp	Characidae	Piranha	1,2,3,4,7,8,9,10,11,12
<i>Megalops atlanticus</i>	Megalopidae	Pirapema	1,2,3,4,7
<i>Arapaima gigas</i>	Arapaimidae	Pirarucu	1,2,3,4,7,8,9,10,11,12
	Engraulidae	Sarda	1,2,3,4,7,8,9,10,11,12
<i>Mugil</i> sp	Mugilidae	Tainha	3,4,7
<i>Colossoma macropomum</i>	Characidae	Tambaqui	1,3
<i>Hoplosternum</i> sp	Callichthyidae	Tamoatá	1,2,3,4,7,8,9,10,11,12
<i>Hoplias</i> sp	Erythrinidae	Traíra	1,2,3,7,8,9,10,11,12
<i>Hoplias</i> sp	Erythrinidae	Traíra açú	1,2,7, 8,9,10,11,12
<i>Cichla</i> sp	Cichlidae	Tucunaré	1,2,3,4,7
<i>Acestrorhynchus</i> sp	Acestrorhynchida e	Ueua	8,9,10,11,12
<i>Arius proops</i>	Ariidae	Uritinga	1,3,4
		Mafurá	7
	Characidae	Matrinchã	7
	Characidae	Pacui	7
		Anuja	7